

Percepção sobre sexualidade pelos adolescentes antes e após a participação em oficinas pedagógicas

Reinaldo Lucas Cajaiba

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. E-mail: reinaldocajaiba@hotmail.com

Resumo: Diante da necessidade de haver uma reflexão sobre a importância da sexualidade para vida humana, objetivou-se desenvolver um trabalho de pesquisa realizado junto aos alunos do 9º ano de uma escola pública do município de Uruará-Pa, verificar qual o entendimento desses educando em relação à sexualidade. A pesquisa foi desenvolvida através de questionários que possibilitava aos alunos expressarem seus conhecimentos sobre o que lhes era interrogado. Foi observado que a concepção de sexualidade está mais voltada para o aspecto biológico, sem levar em consideração a dimensão sociocultural do indivíduo. Portanto, foi necessária uma atuação direta com os alunos em sala de aula, onde foram ministradas palestras que abordavam sobre o assunto. Os mesmos tiveram oportunidade para exporem suas dúvidas, onde houve um diálogo aberto e em seguida reaplicação dos questionários. Nesta segunda fase, verificou-se que boa parte dos alunos passou a entender e diferenciar sexualidade e sexo, dialogar de uma forma mais descontraída e compreender a importância desta para a vida. Daí a necessidade de uma articulação urgente entre família, escola e comunidade na busca de conhecer, compreender, problematizar e ajudar os adolescentes a se libertarem do medo, das dúvidas e insegurança que diz respeito à sexualidade.

Palavras-chave: percepción sexualidade, adolescêntes, oficinas pedagógicas.

Title: Perception about sexuality among adolescents before and after participation in educational workshosp.

Abstract: In order to reflect on the importance of sexuality in human life, a study was conducted with students of the 9th grade of a public school in the city of Uruará-Pa aimed to assess the participants' perception of sexuality. This research was carried out using questionnaires that should be completed by students to show their knowledge and understanding about the issue. It has been found that the participants' view of sexuality was more focused on the biological aspect, without considering the socio-cultural dimension of the individual. This required direct interaction between the teacher and the students. So, lectures on the theme were given. At that time, the students verbalized their doubts, talked to each other and were asked to complete the questionnaire again. In this second stage, it has been found that most students had a better understanding on the issue and could distinguish sex and sexuality. Also, they were able to talk about the issue in a more relaxed way and were aware of its importance. So, there is an urgent need to bring together families, schools and the wider community to

understand and discuss the subject and help teenagers get rid of their fear, their doubts and insecurity with respect to sexuality.

Keywords: sexuality perception, adolescent, educational workshops.

Introdução

Falar de sexualidade no contexto escolar é muito importante e ao mesmo tempo muito difícil pela falta de informação por parte dos alunos, além da resistência encontrada por alguns pais, devido a alguns tabus, preconceitos, medo, despreparos e mitos que os mesmos trazem desde sua infância, onde naquela época toda sociedade repudiava qualquer tentativa de abordagem desse assunto, que deveria ser reprimido para não corromper os adolescentes. Assim, essa cultura conservadora perpassa de geração a geração.

Segundo Suplicy (1991), a questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais.

No passado falar de sexualidade dentro do contexto da escola com os alunos era um afronto para a sociedade e o professor era punido de alguma forma. Com isso, questões sobre sexualidade do aluno eram omitidas dentro da instituição escolar (Cruz e Oliveira, 2002).

A sexualidade é, sem dúvida, um dos grandes tabus no ensino nas escolas. De acordo com Aquino (1997), a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores das escolas e das salas de aulas. Não é o único, disso sabemos. Mas é sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina. E isso há séculos, ao que indica a história.

Por muitos séculos, a sexualidade foi vista pelas civilizações como sinônimo de sexo e diretamente ligada à reprodução. Este processo de ligação veio pela imposição de fatores religiosos, políticos e sociais, visando o controle da possibilidade do prazer sexual natural - que não estivesse ligado ao amor ou ao compromisso de uma futura relação, como por exemplo: o casamento (Caldas, 1998).

É muito importante que não encaremos a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade (Saito e Leal, 2000).

Desenvolver o tema da sexualidade significa tratá-lo nas suas diferentes dimensões: biológica, psicológica, sociocultural, filosófica, histórica, ética, entre outras. Qualquer que seja a abordagem, ao tratar da temática da sexualidade, deve-se considerar as múltiplas formas de prazer e satisfação (Figueiró, 2001).

Portanto, sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o "ser mulher" e o homem o "ser homem". Expressa-se através dos gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, do perfume, enfim, de cada detalhe do indivíduo (Netto, 2000).

A sexualidade é uma dimensão da vida, que sabemos ser, profundamente determinada pelo contexto sociocultural em que acontece (Parker e Galvão, 1997). Por isso, é necessário que o professor, inicialmente conheça, ou procure conhecer, o ambiente em que o aluno está inserido, procure novas formas de intervenção, as quão variadas possíveis forem.

Apesar do aumento no número de publicação de trabalhos sobre a temática no Brasil nos últimos anos, na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução, e tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas impregnadas de preconceitos e tabus. Apesar do papel da educação sexual ser ainda discutível para evitar as experiências sexuais precoces, já é referência da literatura que a gravidez entre adolescentes não será controlada sem educação sexual (Saito e Leal, 2000).

Esta razão é que nos levou a escolha desse tema, pois muitas crianças, jovens e adolescentes sofrem influências de várias fontes como: família, televisão, cinema, imprensa, propaganda e principalmente da internet, onde não se tem um controle dos conteúdos acessados por esses adolescentes, e essas fontes atuam como forma decisiva na sua formação sexual, inundando o cotidiano dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. E é daí que nasce a fantasia de que toda relação sexual é maravilhosa; visto que o adolescente se deixa influenciar por esse bombardeio, não tendo maturidade suficiente para diferenciar o certo e o errado (Cruz e Oliveira, 2002).

Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, nível dialogal entre pais e filhos e a importância da sexualidade, antes e após a participação nas oficinas pedagógicas desenvolvidas para abordagem do tema.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Melvin Jones, no município de Uruará-PA, Brasil, durante o mês de fevereiro de 2012, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, onde foram levantadas as informações/orientações que os mesmos têm sobre o assunto.

A escolha dessa série foi estratégica, uma vez que os mesmos já estudaram conteúdos que abordam o corpo humano, assim como DST's em séries anteriores, e tendo em vista que nesta idade "a Educação Sexual torna-se cada vez mais urgente, uma vez que a sexualidade adquire neste momento especial do desenvolvimento dos sujeitos uma grande importância e especificidade" (Piscalho et al., 2000, p. 355).

Para executarmos tal trabalho que constata a problemática em evidência, utilizamos as seguintes metodologias:

No primeiro momento, antes de iniciarmos as aulas, fizemos um diálogo com os professores juntamente com o corpo técnico da escola (diretor, supervisor, orientador) sobre o assunto que seria e como seria trabalhado em sala de aula.

Já em sala de aula, pediu-se que os alunos respondessem a um questionário como instrumento de pesquisa para nortear as ações futuras a serem desenvolvidas no projeto.

Em seguida os alunos foram divididos em grupos de no máximo quatro pessoas e distribuímos vários textos sobre o assunto para que eles lessem e expusessem suas ideias.

No período de uma semana, foram efetuadas palestras por vários profissionais da área da saúde e sociais (um médico pediatra; uma enfermeira; uma assistente social; um membro do conselho tutelar municipal, além de vários professores das mais diversas disciplinas).

Por último, passou-se um pós teste, ou seja, um questionário com as mesmas perguntas iniciais, para analisarmos as ideias dos alunos apresentadas anteriormente e compará-las com as ideias advindas posteriormente.

As questões que nortearam o nosso trabalho foram: 1) O que é sexualidade para você?; 2) Seus pais conversam sobre esse assunto com você?; 3) Qual é a importância da sexualidade para você?

Os dados obtidos provenientes dos dois questionários foram comparados por meio de teste de proporções (teste binomial), uma vez que se comparou a proporção de acertos antes e depois das aulas em todas as questões formuladas (Crawley, 2002).

Resultados e discussão

A amostra da pesquisa foi constituída por 144 alunos, com idade variando entre 12 e 17 anos. Destes, 41% eram do sexo masculino e 59% do sexo feminino.

Durante a realização da pesquisa, foi possível observar, por meio de palestras com os alunos que a família quase não conversa sobre sexualidade e que a escola trabalha de forma superficial. Essa percepção foi comprovada através dos nossos dados que serão apresentados no decorrer desse trabalho.

A primeira pergunta abordava sobre o que é sexualidade? Dos 144 alunos participantes, apenas 28% souberam responder ou foram os que mais aproximaram do conceito de sexualidade, enquanto 72% não conseguiram entender e nem responder a questão abordada.

Após executada a ação interventiva (palestras, vídeos, etc., citadas anteriormente) pode-se observar que houve um resultado positivo. Onde os mesmos alunos responderam as mesmas perguntas, porém com resultados animadores. Desta vez 86% dos alunos responderam corretamente o que é sexualidade, e apenas 14% não souberam responder, sendo portanto, observado uma diferença significativa na porcentagem de acertos quando os resultados do pré teste são comparados com o do pós teste ($X^2=7,95$; $GL=1$; $p<0,01$) (figura 1).

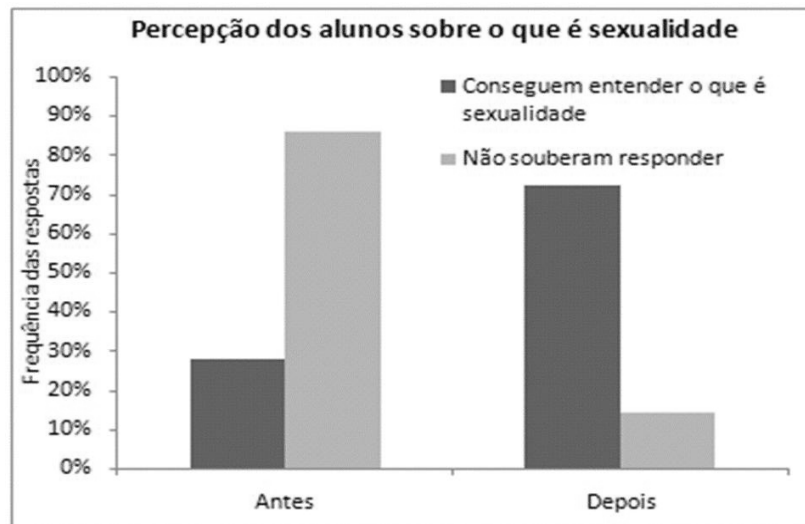


Figura 1.- Entendimento dos alunos sobre o que sexualidade antes e depois da intervenção.

Ao analisar bem as resposta dos alunos durante o pré teste, percebemos que os mesmos realmente não sabiam o que era sexualidade. Para eles, sexo e sexualidade é a mesma coisa.

A pesquisa nos revelou também que esse assunto ainda é um campo desconhecido, que poucos conseguem viver sua sexualidade de forma autônoma e crítica, sem preconceitos e tabus. Isso justifica uma articulação entre escola, a família e comunidade, no sentido de implementar projetos e programas que possibilitem maiores informações acerca dessa temática, contribuindo assim para a educação das crianças, adolescentes e jovens, possibilitando a sensibilização de todos os agentes que atuam e participam da construção do Projeto Político Pedagógico da escola.

Na questão seguinte, os alunos foram questionados se os pais conversavam sobre sexualidade. Dos entrevistados, apenas 12% afirmaram conversar sobre o assunto com seus familiares, 12% disseram conversar mais ou menos, o que seria parcialmente ou superficialmente, enquanto 76% nunca falaram com seus pais sobre tal tema.

A pesquisa despertou nos alunos um espírito de curiosidade e indagação que acabou chegando aos seus familiares. Por meio desse trabalho, observamos que houve uma aproximação entre pais e filhos, ou pelo menos foram forçados, uma vez que esse debate sobre a temática levou os alunos a indagarem sobre tal. Tanto que na segunda etapa, 48% dos entrevistados afirmaram ter conversado com seus familiares, 24% declararam conversar mais ou menos, enquanto 28% não conversavam sobre o assunto. Apesar desse aumento positivo na relação dialogal entre pais e filhos não houve diferença estatisticamente significativa na comparação dos dados do pré teste com o pós teste ($p > 0,05$) (figura 2).

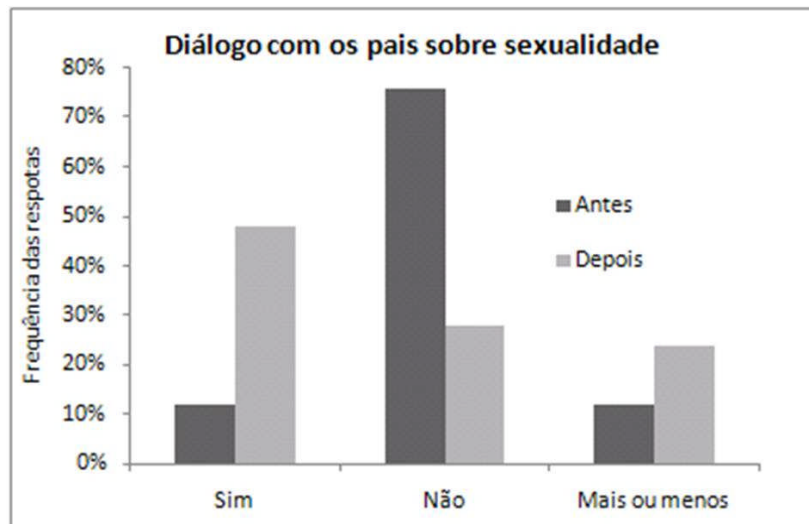


Figura 2.- Relação dialógica entre alunos e pais antes e depois da intervenção.

Notamos um resultado positivo na relação dialógica entre pais e filhos, o que antes era de apenas 12%, após a nossa intervenção passou para 48% (aumento de 36%), havendo assim, uma queda de 48% dos alunos que não conversavam com seus pais.

Segundo os alunos pesquisados, o maior problema para não haver esse diálogo com os pais é a falta de conhecimento sobre o assunto e o preconceito. Mas eles gostariam de ter esse diálogo.

Os relatos abaixo são ilustrativos do que se quer demonstrar:

"Meus pais não falam comigo sobre esse assunto, mas seria bom que eles explicassem, pois eu não iria fazer coisas erradas" (aluna, 13 anos).

"Eles não falam, porque eles têm vergonha de falar sobre sexualidade. Eles acham isso imoral" (aluna, 14 anos).

"Não, na verdade eles nunca falaram isso comigo, até porque eles me acham muito nova para falar sobre isso" (aluna, 15 anos).

"Não, eles não seriam capazes de falar sobre isso" (aluno, 13 anos).

A partir destas colocações vale enfatizar o que disse Freud quando interrogado se as crianças devem ser esclarecidas a respeito da vida sexual, em que idade isso deve ocorrer e de que modo deve ser realizado, respondeu, indiretamente, a partir de outros questionamentos, visando proporcionar aos pais à análise de seus atos diante dessa realidade. Freud inicia com os seguintes questionamentos:

Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a vida sexual dos seres humanos? Será por medo de despertar prematuramente seu interesse por tais assuntos, antes que o mesmo irrompa de forma espontânea? Será na esperança de que ocultamento possa retardar o aparecimento do instinto sexual por completo, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade de classe média? Será que acreditam que as crianças não se

interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não as compreenderão se não forem impelidos a tal por influencias externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não alcançará por outros meios? Ou será que, genuína e seriamente pretende-se que, mais tarde, eles venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, já que seus pais e professores quiseram afastá-los dessas questões o maior tempo possível? (Freud, 1976, p. 137-138).

Mediante as respostas dos discentes, fica evidente que ainda é bem acentuado a falta de diálogo entre pais e filhos, o que contribui na maioria das vezes, para um distanciamento cada vez maior, abrindo espaço para os adolescentes buscarem informações em fontes que nem sempre é segura. Dá para perceber que ainda há muitos mitos e preconceitos sobre esse assunto e que a maioria dos pais não estão preparados para falarem sobre o assunto com os filhos e também sempre acham que eles ainda são novos para ouvirem sobre isso. Enquanto isso a internet, as revistas e grupos de amigos entram em cena.

Dando continuidade aos questionários, os alunos foram indagados sobre a importância da sexualidade. Analisando os dados antes da nossa intervenção, observamos que 34% dos discentes responderam corretamente ou que sabiam da importância, enquanto 66% não conseguiram entender a importância da sexualidade. No pós teste, verificamos a inversão desses valores, 78% responderam que sabem a importância, e apenas 22% não souberam responder. Havendo dessa forma um melhoramento de 44% dos alunos que não sabiam antes, para os que conseguiram responder na segunda etapa. Observamos progresso significativo em relação ao número de acertos entre os dois questionários ($X^2=25,47$; $GL=1$; $p<0,05$) (figura 3).

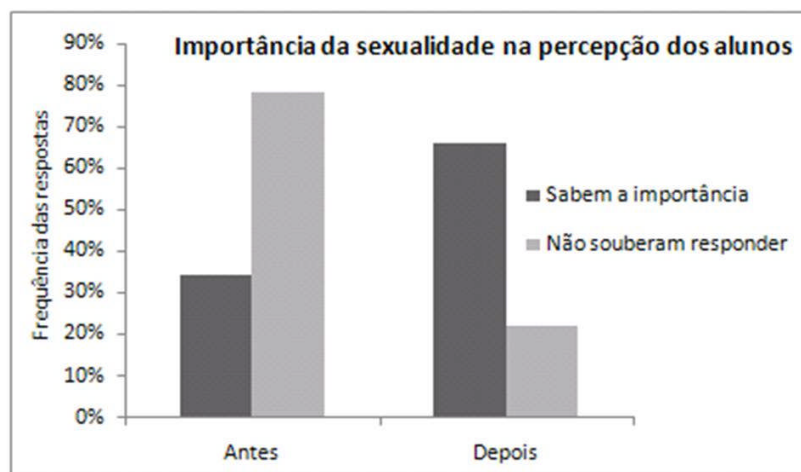


Figura 3.- Percepção dos alunos sobre a importância da sexualidade antes e depois da intervenção.

Com os resultados obtidos no segundo momento podemos observar que houve muita diferença depois do trabalho de informação realizado junto aos alunos pesquisados. É mais um fator que afirma a necessidade de se ter

educadores preocupados e com certo conhecimento na área para trabalhar junto às nossas crianças e adolescentes.

Conclusão

A realização das oficinas metodológicas adotadas neste estudo junto aos alunos pesquisados, permite concluir que o conhecimentos dos mesmos melhorou em vários aspectos relacionados à sexualidade e nível dialogal entre pais e filhos.

A metodologia através de oficinas parece ter ampliado o conhecimento dos adolescentes mesmo por ter sido realizada em apenas uma semana. Portanto, percebe-se que este método em forma de oficina favorece espaço de discussão, de troca de experiências pessoais e do grupo, partindo da realidade para a reflexão e o debate de suas próprias práticas. Para isso, entretanto, há necessidade da continuidade das ações desenvolvidas nesta pesquisa, envolvendo assim as instituições de ensino e família.

Considera-se que a escola tem um papel fundamental, pois constitui um espaço onde se pode abrir a discussão em torno dos questionamentos e dúvidas apresentadas pelos adolescentes ajudando a terem uma visão positiva da sexualidade e o alcance de uma comunicação clara nas relações interpessoais, possibilitando a elaboração de seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, para tomarem decisões responsáveis relacionadas à sexualidade.

Nossa sugestão é que o trabalho de orientação sexual desenvolvido no contexto escolar deva fornecer informações sobre a sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e debates sobre: postura, mitos, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais.

Referências bibliográficas

Aquino, J.G. (1997). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

Caldas, D. (1998). *Comportamento, Sexualidade e Mudança*. São Paulo: Senac.

Crawley, M.J. (2002). *Statistical computing: an introduction to data analysis using S-Plus*. New York: John Wiley & Sons.

Cruz, A.C.N. e S.M P. Oliveira (2002). *Sexualidade do Adolescente: Um novo Olhar sem Mitos e Preconceitos*. Trabalho de conclusão de curso. UNAMA.

Figueiró, M.N.D. (2001). *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 2 ed. Londrina: Eduel.

Freud, S. (1976). *O Esclarecimento Sexual das Crianças*. In: *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX.

Netto, M.P. (2000). *Gerontologia: A velhice e o Envelhecimento em visão globalizada*. Rio Janeiro: Atheneu.

Parker, R. e J. Galvão. (1996). A omissão do poder público. Em R. Parker e J. Galvão (Org.), *Quebrando o silêncio: Mulheres e Aids no Brasil*. (pp. 3-8). Rio de Janeiro: ABIA-IMS/UERJ.

Piscalho, I., Serafim, I. e I. Leal (2000). Representaçõessociais da educação sexual em adolescentes. Em: Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: ISPA.

Saito, M.I. e M.M. Leal. (2000). Educação sexual na escola. *Pediatria*, 22, 1, 44-48.

Suplyci, M. (1993). *Conversando Sobre Sexo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.